

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### O Trilho do Gato – William A. Wellman

4 de Dezembro de 2025

#### The Boob / 1926 Como se Faz um Herói

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

*Realização:* William A. Wellman, Robert Vignola (*não creditado*) *Argumento:* Kenneth B. Clarke, Agnes Christine Johnston *a partir de uma história original de* George Scarborough, Annette Westbay ("Don Quixote, Jr.") *Intertítulos:* Katherine Hilliker, H.H. Caldwell *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco; 1,1:33): William B. Daniels *Montagem:* Ben Lewis *Direcção artística:* Cedric Gibbons, Ben Carre *Assistente de realização:* Nick Grinde *Interpretação:* Gertrude Olmstead (Amy), George K. Arthur (Peter Goods), Joan Crawford (Jane, agente federal), Charles Murray (Cactus Jim), Tony [Antonio] D'Algy (Harry Benson), Hank Mann (Village Soda Jerk), Babe London (Rapariga rechonchuda).

*Produção:* MGM (EUA, 1926) *Estreia Mundial:* 26 de Maio de 1926, Lowe's Theatre Nova Iorque *Estreia Comercial em Portugal:* 19 de Outubro de 1927, Odeon, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca* *Título de trabalho:* "I'll Tell the World" *Título britânico:* "The Yokel" ("o matarruano") *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, mudo, intertítulos em inglês legendados electronicamente em português, 61 minutos a 22 fps.

#### acompanhado ao piano por Daniel Schvetz

---

São sessenta e um minutos de corrupção, peripécias que se precipitam fazendo circular o fio narrativo por estonteantes personagens, voltas e reviravoltas, mais interessados na experimentação de possíveis do que na verosimilhança ou na sanidade mental, com próximo de zero correcção política e reconhecíveis lugares-comuns. A sensação adensa-se no espaço de tempo volvido desde a produção do filme, realizado em 1926 pelo verde realizador Wellman para uma primeira vez na MGM, onde entrara por recomendação de Edmund Goulding, e onde teve vida curta porque foi despedido por Louis B. Mayer e Irving Thalberg uma vez acabado o trabalho, que o estúdio considerou o pior possível e, por conseguinte, tardou a estreiar – completado em Setembro de 1925, estreou em Maio de 1926, numa altura em que Wellman já havia assinado contrato com a Preferred Pictures do jovem produtor B. P. Schulberg, o qual, associado a Adolph Zukor na Paramount, produziria WINGS. Ninguém foi meigo com THE BOOB que ainda hoje, resgatado ao esquecimento nos cofres dos arquivos (de onde saiu um excerto em 1950 para um título-compilação do estúdio, THE BIG PARADE OF COMEDY), suscita reacções agrestes, embaraços. Por não ser plausível, por ser descabelado, etc. e tal. Que é.

E no entanto, como não apreciar o ziguezague das aventuras do jovem provinciano vestido à cowboy campos fora, ao lado de um amigo chamada Cactus Jim, de uma criança de olhos grandes e de um cãozito que pode abrandar em câmara lenta, no encalço de uma amada desinteressada, além de pouco interessante, em tempos de Lei Seca, contrabando de álcool, bandidos, com passagem por um velho moinho, uma casa de repouso para velhinhas desamparadas, um salão de baile, danças exóticas, tiroteio, caixões de madeira e livros de lombada sugestiva que guardam garrafas de bebida não espirituosa? A ideia do paralelo entre a mula e o automóvel? O clube-local do crime chamado Booklovers? O gag do homem que se engasga com a azeitona? O momento em que o herói espia os bandidos enroscado num tronco de árvore? Como não apreciar, ainda, o "filme no filme" de índios que leva à vestimenta de cowboy à imagem de Tom Mix, o actor de centenas de *early westerns*? O sonho nas nuvens e com nuvens e automóvel? O lado surreal? O sentido da paisagem e o do enquadramento? Os planos arriscados? As íris etéreas? As sombras no cemitério? Os movimentos experimentais, a energia da montagem, toda aquela velocidade, uma fúria de filmar? A paródia com o imaginário do cinema, que contava tenras décadas? E Joan Crawford, a muito jovem Joan Crawford, num primeiro ano em Hollywood, antes do

estrelato, a afirmar em poucos minutos a sua qualidade de estrela no papel de uma agente federal envolvida na investigação contrabandística?

Não é a *the old, old story*... anunciada no cartão de abertura, que pode traduzir-se no núcleo “*a girl and a gun*”, embora haja raparigas e pistolas, porque se trata de um novelo narrativo que rola em sentidos díspares, se vai emaranhando e desemaranhando numa mistura improvável de peripécias, registos, requintes de bizzaria, a maior parte das vezes cumprindo a premissa de surpreender a cada sequência. Até dada altura, o próprio Wellman alinhou na apreciação negativa deste seu filme inicial (dos seus poucos títulos mudos sobreviventes), porém já o nono dos creditados como realizador na cronologia das estreias, depois das sete produções Fox de 1923-24 e da produção Harry Cohn na Columbia de 1925, *WHEN HUSBANDS FLIRT* (não pôde ser apresentado na retrospectiva por falha de cópia de projecção), a partir de um argumento de Dorothy Arzner, que foi filmado com um orçamento modesto em três dias, dois de avanço em relação ao que Wellman prometera a Cohn em troca de um bónus no salário. Descrito como uma comédia de enganos, um retrato de infidelidade conjugal polvilhado com o sentido de humor de Wellman, valeu-lhe o início da reputação de realizador eficiente. Lê-se na monografia de Wellman, Jr. que o pai-cineasta esteve envolvido em todas as fases do processo de *WHEN HUSBANDS FLIRT*, “pré-produção, escrita, produção, realização, montagem, tudo. ‘Portanto agradeci-lhe [a Cohn, quando firmaram o acordo], o que muito o surpreendeu, sorriu, e eu fiz o mesmo. Parece que quebrámos um recorde Cohn em menos de dois minutos’ [...]. Chamava-se a isto fazer filmes no duro, mas aprender a fazê-los modicamente, rapidamente, eficientemente, apresentavelmente.” “Uma maravilha em três dias.”

Foi um “*replacement job*” filmado no estúdio de Culver City, na Califórnia, *THE BOOB*, que à letra e no sentido *bumpkin* (patego) pode traduzir-se por *pateta*, descritivo do ingénuo protagonista masculino igualmente aplicável à tolice da protagonista feminina que passa o filme a ignorá-lo sendo salva *in extremis* pela necessidade de um final feliz. Não obstante a falta de sentido de a personagem de Gertrude Olmstead, Amy, *a rapariga* deste filme, que balouça e se enleva com o janota Harry de Tony D’Algy, acabar nos braços de George K. Arthur, Peter Goods, que muito melhor ficava, não Tarzan, mas ainda cowboy, com a elegante Jane de Joan Crawford. Joan de claro vestida é a luz de *THE BOOB*, por fugaz que seja a sua presença nele é a que marca, graças à evidência magnética da actriz com a câmara. Terá sido neste filme que “eles”, na MGM, “mudaram o nome dela de Lucille [Fay] LeSueur para Joan Crawford. Apreciei a deferência, da qual tenho muito orgulho, de ter realizado o filme mais bera de sempre de Joan Crawford”, terá dito Wellman citado por Frank T. Thompson. Bera ou não, em filmes anteriores a *THE BOOB*, como *LADY OF THE NIGHT* de Monta Bell os créditos da actriz inscrevem Lucille LeSueur. Quando Wellman lhe pegou, o filme intitulava-se “*I’ll tell the world*” e tivera Robert G. Vignola como primeiro realizador, o que já sucedera com *THE WAY OF A GIRL* (1925), em que o estreante Wellman trabalhara não creditado num chamado *fix-it job*. Idem para o precedente *THE EXQUISITE SINNER* (Josef von Sternberg, 1926).

O melhor de *THE BOOB* está porventura na sequência de abertura, ainda os espectadores não foram alertados para tolices nenhuma, mais despertados para o filme romântico do que para a comédia – na cena campestre dos namorados no balouço, com movimento, elevação de perspectiva e profundidade de campo prefigura-se uma solução retomada nos célebres movimentos panorâmicos de *WINGS*, sinalizando a criatividade de Wellman como um dos grandes inventores da linguagem cinematográfica. Sem alarido.

Peter Good: *What’s the use of livin’?*

Cactus Jim: *No use a-tall. Life is jest one durned break after another!*

Maria João Madeira